

ANA PAULA MAIA

Enterre seus mortos



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Ana Paula Maia

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Guilherme Xavier

Foto de capa

mallardg500/ Getty Images

Preparação

Julia Passos

Revisão

Fernando Nuno

Jane Pessoa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maia, Ana Paula

Enterre seus mortos / Ana Paula Maia. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3067-2

1. Ficção brasileira I. Título.

18-12113

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

PARTE I
Os animais

1

O imenso moedor está triturando animais mortos recolhidos nas estradas. Tanto o barulho do motor quanto o dos ossos sendo esmagados ricocheteiam nas paredes altas do galpão. A mistura de som e fedor enfurece os sentidos. Edgar Wilson deixa o carrinho no lugar delimitado por um retângulo pintado no chão e sobe os degraus de uma escadinha de alumínio que dá acesso à caçamba do moedor, de onde é possível ver o lado de dentro.

— Consegue ver o que é? — grita um funcionário, afastando o protetor auditivo.

— Não estou vendo nada — grita de volta Edgar Wilson.

— Desde cedo tá assim... agarrando.

— Mas não estou vendo nada. Desliga.

O homem faz um gesto de derrota e, consternado, vai até a manivela de segurança e a puxa com força. A frenagem ríspida provoca um cheiro de queimado nas engrenagens.

— Me dá aquela vassoura ali — aponta Edgar Wilson.

Cutuca com força um dos dentes do triturador e remo-

ve o que estava causando o mau funcionamento da máquina: o osso de uma costela.

— Triturou algum animal grande?

— Uma vaca.

— Então é isso. — Edgar Wilson suspende com a ponta do cabo de vassoura o osso da costela ainda preso no pouco que restou da coluna vertebral do animal e, com um movimento suave, gira-a até que esteja fora do tanque do triturador e a joga no chão. O funcionário olha para baixo, próximo de seus pés, conferindo o que estava causando o problema na máquina. Ele se abaixa e pega o pedaço de osso. Verifica-o com atenção.

— É mesmo uma costela.

Joga o pedaço num tonel e torna a ligar a máquina, sentindo-se mais aliviado. Edgar desce da escadinha ao perceber que o moedor funciona com menos ruído e sem nenhum solavanco.

— Para os grandes você precisa trocar a peça. — Edgar Wilson aponta para o canto do galpão, onde uma peça semelhante à usada no interior do moedor, porém maior, está apoiada contra a parede.

— O Estêvão disse pra moer rápido e que não precisava trocar.

— Não dá pra usar a mesma peça numa vaca e numa capivara. Você tem que trocar. Deixa os grandes pro final. Mói os menores primeiro.

O homem, funcionário contratado há poucas semanas, faz sinal de que entendeu e volta a atenção ao trabalho.

Antes de sair do galpão em direção ao refeitório, Edgar Wilson verifica mais uma vez o funcionamento das engrenagens ao lançar um cachorro morto dentro do moedor, que permanece continuamente em movimento. A morde-

dura da máquina não provoca solavancos ou atritos impróprios. Do outro lado, por um cano largo, a massa condensada vai sendo despejada numa espécie de reservatório para ser utilizada na preparação de compostagem usada na fertilização do solo.

Edgar seca as mãos contra os bolsos do macacão. Apanha uma bandeja com um prato, talheres e um copo descartável e entra na fila do refeitório seguido por homens famintos e barulhentos. Há dois horários para o almoço: ao meio-dia e à uma hora. Edgar almoça no segundo horário, quando a fila é um pouco menor e há mais assentos disponíveis. Depois de ser servido, encontra um lugar perto da janela e se acomoda.

O homem à sua frente come ruidosamente, estalando a língua vez ou outra. Ora mastiga, ora fala, mal dando tempo para respirar. Trabalha há duas décadas removendo animais mortos em estradas, residências e fazendo hora extra aos sábados no triturador.

— Semana passada resgatamos uma égua, mas foi bem complicado. Ela tava pastando ao lado de um barranco, com uma corda no pescoço e amarrada numa árvore. Mas ela escorregou e ficou suspensa pelo pescoço. Quanto mais se debatia, mais a corda ia esmagando o pescoço dela. Acionaram a minha unidade e quando cheguei ela tava quase morta. Cortei a corda, ela caiu na estrada, enfim, foi uma merda jogar ela na caminhonete. Mas sobreviveu.

O homem dá uma colherada no meio do prato e com a ajuda do polegar ajeita a comida antes de levá-la à boca. Mastiga rapidamente e continua:

— Aí, quando cheguei aqui com a égua viva na caçamba, me chamaram a atenção porque a gente só recolhe animal morto. Mas eu ia deixar a porra da égua lá na estrada?

O dono não tava lá. Eu sabia que era questão de tempo até um motorista se arrebentar nela. Disseram que a burocracia não permitia e que a gente não pode manter um animal vivo aqui. Eu voltei lá e soltei a égua perto do barranco, mas não amarrei porque ela ia acabar se enforcando de novo. Duas horas depois, fui lá recolher os pedaços da filha da puta. Uma Kombi pegou ela bem no meio. O motorista morreu. Precisei levar mais um ajudante comigo porque era mesmo uma égua das grandes. A estrada ficou interdita por quase três horas.

— Ela estava prenha — diz Edgar Wilson. — Fui eu que coloquei ela no moedor. Precisei da retroescavadeira pra suspender. A cabeça do potrinho tava até saindo. O dono veio aqui reclamar a égua dele.

O homem para de mastigar por fim e bebe o restante do refresco de caju em seu copo. Aguarda curioso que Edgar conclua.

— E o que ele queria? — pergunta outro homem que somente escutava a conversa.

— Ele queria a égua, só que eu já tinha moído metade. Ele criou confusão. O gerente deixou ele entrar no galpão e pediu pra eu parar de moer. Acho que era uma égua de estimação. O sujeito acabou desmaiando.

— O filho da puta deixa a égua prenha pastando num barranco com uma corda no pescoço. Depois vem aqui reclamar como se a gente tivesse culpa — diz o homem, que volta a mastigar ruidosamente.

— O que vocês fizeram com o sujeito? — pergunta o homem que escutava mais do que falava.

— Joguei água na cara dele e entreguei a outra metade da égua, a parte que eu ainda não tinha jogado no moedor, e ele levou embora numa carroça.

— E com a metade, o que será que ele fez?

— Acho que um funeral — conclui Edgar Wilson, levando à boca a última colherada do seu almoço. Apanha seu copo de refresco de caju e sai do refeitório para aproveitar sozinho seus últimos minutos de folga, fumando um cigarro sentado numa pedra atrás de um arbusto que parcialmente esconde seu corpo em meio à vegetação que se espalha nos fundos do depósito.

O sol, mesmo entre nuvens, deixa enfadados as aves e os répteis, que evitam cruzar a estrada quente. O capim amarelento e esmorecido contorna o caminho que segue. Tudo parece morto ou quase morto debaixo do sol. Edgar Wilson apanha no meio da estrada um gambá que morreu de olhos arregalados. Suspende-o pelo rabo usando luvas de borracha para se proteger. Joga-o na caçamba da camionete e deixa as luvas no chão do veículo.

No início tentava não encarar os animais mortos, apenas os removia. Aos poucos, percebia suas expressões faciais, por vezes fechava os olhos dos bichos imaginando que isso lhes proporcionaria algum descanso. Observava diariamente a vida evoluir para a morte. Para ele, estar na presença de um cadáver o deixava um passo atrás da morte, como se ela não pudesse alcançá-lo, pois assim como o fluxo da vida segue sempre em frente, também o da morte avança.

Preso ao tronco de uma árvore magra e de folhas esparsas está a carcaça ressequida de uma ave que encalhou na vertical. Era evidente que estava ali havia muito tempo, resistindo à força da gravidade, fossilizando-se nas grossas estrias do tronco. Decide não removê-la.

A paisagem pouco mudou nas últimas décadas. Não fosse o betume resinoso que forma o asfalto, ainda estariam no início do século passado, quando somente as rodas das carroças puxadas por animais percorriam essas estradas, que quase não existiam e se limitavam a trilhas abertas a facão. Numa época em que os animais estavam à frente das rodas, transportando toda a espécie humana.

Edgar Wilson sobe na caminhonete e ao dar a partida verifica que precisa abastecer. Dirige cerca de dois quilômetros até encontrar um posto de gasolina. Encosta a caminhonete na primeira bomba do combustível e desce do veículo em direção à pequena loja de conveniência. Um cachorro grande e pesado dorme diante da porta, e é preciso dar um largo passo para entrar no estabelecimento.

Um homem magro, com pouco mais de um metro e cinquenta de altura, de cabelos pretos, ralos e lisos, na altura do queixo, lhe sorri do lado de dentro do balcão enquanto enxuga as mãos num pano.

— Gasolina?

— Isso.

De onde está, o homem pode ver a caminhonete estacionada através da janela aberta.

— Essa bomba está com defeito. Estaciona na bomba da frente — diz enquanto suspende o tampo do balcão e passa para o outro lado. Seguido por Edgar Wilson, os dois saem da loja. O cachorro continua na mesma posição, obrigando-os a pulá-lo com cuidado. Edgar prontifica-se a puxar o freio de mão e a empurrar a caminhonete até a outra bomba. O homem, que mantém sem razão aparente um sorriso constante, diz que está bom naquele lugar, evitando assim que Edgar se esforce mais.

— Essa bomba — indica com a cabeça a bomba com

defeito — já é a terceira vez que fica ruim neste mês. Acho que nem vou mandar arrumar agora. O movimento anda tão fraco.

O homem puxa a pistola da bomba, destrava-a e a mantém suspensa com o bico para cima enquanto abre a portinhola e desatarraxa a entrada de combustível da caminhonete.

— Ontem mesmo eu tive só cinco clientes. — Ele enfia a pistola na boca do tanque do veículo, aperta a alavanca e volta a falar ao sentir a vibração do líquido atravessando a mangueira. — Se as coisas não melhorarem, não sei não.

Edgar Wilson aproveita para limpar o para-brisa com um trapo que encontra jogado embaixo de uma torneira próxima da porta da loja. Sem pedir licença, ele molha o pano, torce bem e limpa a poeira do vidro.

— Eu moro aqui nos fundos, logo ali atrás do balcão é a sala da minha casa. Por isso ainda estou resistindo.

— O senhor imagina o porquê disso?

— Ah, moço, é difícil saber. Tem gente que fala que é por causa da rodovia e que as estradas paralelas ficaram menos movimentadas. Mas não sei. — Ele para por instantes e olha a bomba, que ainda não marca o valor exato solicitado por Edgar. Aperta com moderação ainda duas vezes para completar os centavos e assim ter um número redondo no marcador. Encaixa novamente a pistola na bomba e se volta para o veículo a fim de fechar a tampa do tanque.

Ele seca as mãos no pedaço de pano que tira do bolso da calça e pela primeira vez deixa de sorrir.

— O senhor é um homem religioso?

Edgar Wilson se detém por alguns breves instantes e parece questionar a si mesmo.

— Acredita em Deus?

Edgar assente com a cabeça. O homem diminui o tom de voz e já não importa se não sorri mais. Seu rosto se torna rígido e há algo de angustiante em seus olhos.

— Tem dias que eu fico aqui sentado, bem ali naquela cadeira velha de balanço com aquele vira-lata preguiçoso perto de mim. Está vendo aquele cata-vento ali? — Edgar Wilson olha para o alto e um cata-vento branco e amarelo, com uns cinquenta centímetros de diâmetro, gira num ritmo moderado. — Tem dia que ele para durante uma hora ou até mais. Nada se move. Até mesmo o cachorro parece não respirar de tão quieto que fica. — O homem dá um passo para mais perto de Edgar. — E é aí que eu digo pro senhor: fico meio que apavorado.

— Por quê?

— Porque eu rezo. E rezo de novo.

O homem cai em um silêncio repentino e olha para os lados, porém é ao longe que seus olhos tocam. Ambos os horizontes, cada qual numa extremidade da estrada, que sua localização privilegiada lhe possibilita ver.

— E eu tenho certeza de que nada nem ninguém me escuta. Deus ou o diabo, parece que nenhum dos dois está mais aqui.

Edgar Wilson, sem reagir ao falatório do homem, paga pela gasolina e apanha o recibo. Entra na caminhonete e pelo radiocomunicador recebe a chamada de uma ocorrência no trecho 62.

— Sabe que tipo de animal? — pergunta Edgar pelo radiocomunicador.

— Não disseram, mas parece que é dos grandes — responde a mulher do outro lado.

— Minha caçamba tá cheia.

— Você é quem está mais perto, Edgar.